



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**GASPAR RODRIGUES FRONTEIRA**

**(depoimento)**

**2009**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-163

**Entrevistado:** Gaspar Rodrigues Fronteira

**Nascimento:** Não informado

**Local da entrevista:** Parque Farroupilha – Porto Alegre/RS

**Entrevistadores:** Adélio da Silva Cunha e Celso Dias Nogueira

**Data da entrevista:** 30/11/2009

**Transcrição:** Márcia Helena Neves de Castro

**Conferência Fidelidade:** Márcia Helena Neves de Castro

**Copidesque:** Marco Antonio Ávila de Carvalho

**Pesquisa:** Adélio da Silva Cunha / Celso Dias Nogueira

**Total de gravação:** 48 minutos

**Páginas Digitadas:** 22

**Observações:** Entrevista realizada como atividade da disciplina “História da Educação Física” oferecida no segundo semestre de 2009 para o curso de Licenciatura em Educação Física da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

FRONTEIRA, Gaspar Rodrigues. *Gaspar Fronteira (depoimento, 2009)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE - ESEF/UFRGS, 2010.

## **Sumário**

Envolvimento com futebol; futebol profissional: Internacional, Grêmio, Corinthians, Flamengo-RJ, Flamengo de Caxias do Sul, SER Caxias, Internacional de Lages-SC; Campeonato Gaúcho; Torneio Rio/São Paulo; dupla Gre-Nal; Projeto Social Futebol Clube.

Porto Alegre, 30 de outubro de 2009. Entrevista com Gaspar Rodrigues Fronteira a cargo dos entrevistadores Adélio da Silva Cunha, Márcia Castro e Celso Dias Nogueira para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

A.C. – Gaspar, Boa Tarde! Podemos começar falando de suas origens. Sobre família. Você é casado? Tem filhos?

G.F. – Primeiramente eu quero dar o meu “boa tarde” a vocês. É minha satisfação poder atender a essa solicitação de vocês. Eu quero agradecer essa oportunidade que vocês me dão também. E salientar que eu sou nascido em Porto Alegre<sup>1</sup> e tenho família toda em Porto Alegre também, onde eu comecei a minha carreira no futebol.

A.C. – Natural de Porto Alegre mesmo Seus pais também?

G.F. - Porto Alegre. Meus pais eram de Itaqui<sup>2</sup>, do interior de Itaqui.

A.C. – Como é que começou sua trajetória esportiva?

G.F. – Minha trajetória esportiva começou nos anos de 1958, 1959, nas escolinhas do Grêmio<sup>3</sup>. Dizem que todo garoto quando é garoto sonha em ser jogador de futebol. Então, comecei minha trajetória em 1958, 1959 nas escolinhas do Grêmio. Depois, posteriormente, mudando de clube. Em 1960 eu passei para o Internacional<sup>4</sup> que me convidaram para participar lá e aí, no Inter, eu fiquei de 1960 a 1961. Em 1963 já fui para o juvenil do Inter. Fiquei até 1965 no Inter. Esse foi o início da minha carreira. Comecei assim.

A.C. – E quanto tempo ficou ali no Inter?

G.F. – Eu fiquei de 1960 a 65.

---

<sup>1</sup> Capital do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>2</sup> Município da Fronteira-Oeste (região do Estado do Rio Grande do Sul).

<sup>3</sup> Grêmio Football Portoalegrense – clube de futebol da cidade de Porto Alegre.

<sup>4</sup> Sport Club Internacional – clube de futebol da cidade de Porto Alegre

A.C. – Depois do Inter, defendeste algum outro clube?

G.F. – Eu havia sofrido uma lesão no joelho. Graças a Deus que não foi nada grave. Mas aí o Inter me emprestou para disputar o Torneio Rio/São Paulo<sup>5</sup> pelo Flamengo<sup>6</sup> no Rio de Janeiro. Tive uma passagem rápida também pelo América<sup>7</sup>. Primeiramente eu fui para o Flamengo. E aí, posteriormente, do Flamengo eu retornei para Porto Alegre. Foi quando o treinador do Corinthians<sup>8</sup>, seu Osvaldo Brandão<sup>9</sup>, esteve em Porto Alegre para me contratar para o Corinthians. Foi quando eu fui para São Paulo. Depois eu retornei de São Paulo, terminando lá meu período pelo Corinthians. Retornei a Porto Alegre. O Flamengo<sup>10</sup> de Caxias, que é a Associação Caxias hoje, mas era Flamengo na minha época, conseguiu meu passe lá no Corinthians, para eu disputar pelo Flamengo aqui em Caxias. Eu fiquei no Flamengo de 1966 até 1970. Após quatro anos e meio jogando em Caxias, eu vim para o Grêmio aqui.

C.N. – Gaspar! Só voltando um pouquinho no tempo. Tu tiveste influência dos teus familiares para escolher o futebol, ou isso veio de ti mesmo?

G.F. – Não, não tive influência nenhuma. Inclusive, todos meus familiares eram jogadores de futebol. Só que naquela época já era mais amador. Mas o meu pai que jogou futebol também - já falecido - nunca interferiu, deixou por livre e espontânea vontade minha. Nem em treino ele ia me ver. Só uma ocasião que ele foi ver um jogo nosso lá no Internacional. Lá no juvenil. Parece que foi só uma vez. Só. Mas ele não interferia em nada. Foi minha mesmo. Eu tinha uma vontade louca de ser jogador profissional. Aquela coisa que eu botei na minha cabeça de que eu queria ser profissional um dia e foi assim que eu comecei. Mas não tive interferência da família. Nenhuma.

---

<sup>5</sup> O Torneio Rio-São Paulo foi um torneio de futebol interestadual disputado por clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo. Foi realizado pela primeira vez em 1933, mas só passou a ser disputada anualmente a partir de 1950.

<sup>6</sup> Clube de Regatas Flamengo – clube de futebol da cidade do Rio de Janeiro

<sup>7</sup> América Football Club – Agremiação esportiva da cidade do Rio de Janeiro.

<sup>8</sup> Sport Club Corinthians Paulista – clube de futebol da cidade de São Paulo.

<sup>9</sup> Considerado um dos maiores treinadores da história do futebol brasileiro. Em São Paulo, é considerado ídolo tanto das torcidas do Palmeiras quanto do Corinthians (eternos rivais).

<sup>10</sup> Nome antigo da atual Sociedade Esportiva e Recreativa Caxias.

A.C. – E no Corinthians, chegaste a jogar com o Rivellino<sup>11</sup>, então?

G.F. – Exatamente. Passei lá na época do Rivellino. Dino Sani<sup>12</sup>, Rivellino, o Flávio (Flávio Minuano) que era aqui do Inter estava lá também. Ciro, que era gaúcho, que jogou no Inter, jogou no Grêmio, estava lá também. Então, eu peguei a época do Rivellino no Corinthians. Ele recém tinha iniciado, subiu para o profissional naquele ano. Então, o Rivellino dispensa comentário. O Rivellino da Copa<sup>13</sup> que todos conhecem. Eu tive a felicidade de jogar com ele lá no Corinthians. Joguei com Dino Sani. Essa a convivência que eu tive...

A.C. – E o treinador era o Brandão?

G.F. – Osvaldo Brandão era o treinador. Brandão treinou o Palmeiras, treinou o Corinthians, treinou uma série de times do futebol brasileiro. Então, é um nome que dispensa comentários. Foi por intermédio dele que eu fui para São Paulo para jogar pelo Corinthians.

A.C. – E como é essa história de que tu deste uma dor de cabeça para ele para tentar colocar todo mundo no time?

G.F. – [risos] É verdade. Isso aí foi quando eu cheguei em São Paulo. Nessa época não tinha esse aglomerado de jogadores no meio campo. Hoje, botamos 4 ou 5 jogadores tudo no meio ali. Tu não consegue, de repente e o que muda? O que vai se fazer? Tu não consegue ver o futebol. No futebol tudo é mais no preparo físico. Muito físico. Então, quando eu cheguei lá estava a meia cancha do Corinthians já formada...

A.C. – No meio era pouca gente...

---

<sup>11</sup> Roberto Rivellino (também conhecido como “a patada atômica”) – ex-jogador de futebol. Defendeu as equipes do Corinthians e do Fluminense-RJ. Foi titular da Seleção Brasileira campeã do mundo na copa de 1970, no México. Maradona em diversas entrevistas o considerou o melhor jogador que viu jogar. Atualmente é comentarista de futebol da Rede Bandeirantes de Televisão.

<sup>12</sup> Foi um dos maiores volantes da história do Sport Club Corinthians Paulista, do AC Milan e do São Paulo Futebol Clube. Era famoso por suas roubadas de bolas precisas e de seus passes. Como treinador lançou nomes como Falcão, Carpeggianni e Ruben Paz.

<sup>13</sup> Copa do Mundo de futebol realizada no México, em 1970, a qual Rivellino era titular da equipe brasileira que sagrou-se campeã.

G.F. – Pouca gente...

A.C. – Mas era extremamente ofensivo?

G.F. – Sim. Quatro atacantes, dois no meio campo, quatro zagueiros. Era o futebol e os ataques funcionavam nos dois lados. Então, aí ganhava o jogo aquela meia cancha que dominava a outra meia cancha. Quando eu cheguei em São Paulo, estava o Dino Sani e o Rivellino. Eu cheguei lá, vi essa dupla e disse: “Eu vou ter que enfrentar essa barreira”. Então, eu botei na minha cabeça: “Eu não posso ficar fora desse time. Eu vou deixar o Osvaldo Brandão louco porque ele vai ter que me botar nesse time junto com esses dois aí”. Porque eu sabia que ele não ia tirar nem o Dino Sani, nem o Rivellino. Não ia sair nenhum dos dois. Aí, eu digo: “Então, vai fazer o seguinte: vai botar nós três no meio. Eu vou querer jogar”. Então, foi essa a dor de cabeça que eu estava dando lá para eles. Foi isso que aconteceu comigo. Mas depois eu não consegui ficar muito tempo lá em São Paulo. Não consegui me aclimatar. Eu terminei desmanchando aquele plano que ele estava planejando. O plano dele era realmente fazer no time do Corinthians três jogadores na meia cancha. Ele queria fazer com Dino Sani, o Rivellino e com a minha chegada lá. Ele achou que eu tinha condições de participar daquele time do Corinthians.

A.C. – Só faltou um pouco mais de paciência?

G.F. – Só um pouquinho mais de paciência. Essa paciência que eu não tive. E aí, não adianta a pessoa se arrepender. Passou, passou. Não devemos estar olhando para trás. Não adianta nada. Mas hoje em dia, se pensássemos um pouquinho melhor. Eu não sei não, mas eu acho que alguma coisa íamos terminar. Até uma seleção brasileira eu acho que íamos conseguir por aí, porque naquela época eu estava com meus 18, 19 anos, a mesma época do Rivellino, mais ou menos. E eu até sou um pouquinho mais velho do que o Rivellino. Pouca coisa. Então, subimos praticamente juntos. Ele pelo Corinthians e eu aqui pelo Inter. Era uma época em que estávamos com toda a saúde para correr. Eu me sentia bem, em condições de jogar no time do Corinthians.

A.C. – E outra, que estava lá no centro do país onde tem visibilidade, não é?

G.F. – É! Inclusive, teve uma manchete na Gazeta Ilustrada<sup>14</sup> - que hoje não tem mais em São Paulo -. Na Gazeta Ilustrada que para nós era como o antigo Correio<sup>15</sup> aqui em Porto Alegre, que era aquele Correio, aquelas páginas grandes. Era um jornal grande que tinha aqui. Na época então, lá na Gazeta Ilustrada, tinha ilustrado um jogo nosso. Um repórter lá da imprensa de São Paulo veio fazer uma cobertura de um jogo que o Inter jogou aqui no Campo dos Eucaliptos<sup>16</sup>. Era contra o time da Portuguesa. Um jogo aqui nos Eucaliptos. Era Inter x Portuguesa ou Palmeiras, não me lembro. E aí, eles vieram fazer a cobertura. E justamente para falar comigo e fazer uma reportagem comigo. Nessa Gazeta botaram numa página inteira em São Paulo que um nome para 1966 era eu. Tive a felicidade de, por sorte também, que eu não tive lesão nenhuma mais e eles estiveram se lembrando da minha pessoa e eu fiquei muito feliz em saber disso aí e saber que tinha muitos jogadores bons para estar lá nessa seleção também. Aproveitando essa oportunidade foi quando eles fizeram essa reportagem comigo. Saiu uma página inteira em São Paulo. Mas é aquela coisa: quando tem que ser, vai ser. Quando não tem que ser, não adianta nada.

A.C. - Então, no centro do país tu eras tido como selecionável?

G.F. – Exatamente. Foi aquela Copa de 1966, lá em Londres. Inclusive tinha dado a manchete: “Gaspar, um nome para a Copa de 1966”, e essas coisas todas. Aí eu fiquei feliz porque eu não sabia que eles iam fazer aquela reportagem. Eu fiquei até surpreso quando eles fizeram essa reportagem e levaram para São Paulo. Tive até condições, possibilidades, mas não deu para... Aquela coisa. Então, fazer o quê?

A.C. – E aí, retornando para o Rio Grande do Sul, foste jogar no Flamengo de Caxias.

G.F. – E quando do meu retorno, como eu tinha falado anteriormente, eu tinha voltado lá de São Paulo. Foi quando o Flamengo me resgatou, foi lá me contratar. Puxou meu passe lá do Corinthians e eu vim para Caxias. Eu fiquei de 1966 até 1970 no Flamengo e aí depois foi quando eu terminei vindo para o Grêmio aqui. Quer dizer, qual seja: saí do

---

<sup>14</sup> Suplemento semanal do jornal A Gazeta, o qual era considerado verdadeira coqueluche entre os leitores de artigos esportivos desde 1931.

<sup>15</sup> Correio do Povo - jornal da cidade de Porto Alegre

<sup>16</sup> Antigo estádio do Sport Club Internacional. Sediou jogos da Copa do Mundo de 1950, em Porto Alegre

Grêmio, passei pelos times todos e aí praticamente quase que eu encerrei a carreira no Grêmio de novo quando eu voltei. Fui lá, voltei e acabei vindo para o Grêmio aqui de novo.

A.C. – E o Flamengo de Caxias tinha um time bom nessa época?

G.F. – Tinha. Tinha.

A.C. - E vocês chegaram a ser campeões do interior?

G.F. – Fomos campeões do interior, sim. Só não posso te precisar se foi dois ou três anos campeões do Interior. E os times do interior eram muito bons. Todos os times parelhos. Tudo que é jogo era clássico. E eu estive lá em Caxias numa época muito boa, tanto é que através dessa fase que eu estive lá o Grêmio foi me buscar. Tive grandes treinadores: Francisco Neto, o Chiquinho, baita de um treinador.

A.C. - Como é que tu vivenciaste a rivalidade com o Juventude<sup>17</sup> lá, na época?

G.F. – Era clássico. É como é aqui o Gre-Nal<sup>18</sup>. Lá em Caxias era o Fla-Ju.

A.C. – É o Ca-Ju, hoje?

G.F. – É. Hoje é o Ca-Ju. Mas antes era Fla-Ju. E o bicho pegava lá. O jogo era terrível. Era casa cheia. Tanto no campo da Baixada<sup>19</sup>. Era lotado o estádio. A semana toda. Desafio. E aposta para cá, aposta para lá. E chegava do dia do jogo e o caldeirão era fogo. O bicho pegava mesmo. Era tanto no campo do Caxias quanto no campo do Juventude. Era

---

<sup>17</sup> Clube de futebol da cidade de Caxias do Sul. Tem como grandes feitos o fato de ter sido Campeão Gaúcho em 1998, após décadas de superioridade da dupla Gre-Nal, e o título de Campeão da Copa do Brasil de 1999.

<sup>18</sup> Nome pelo qual foi “batizado” o confronto entre Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e Sport Club Internacional. Em outubro de 2008, jornalistas nacionais e internacionais foram consultados pela revista Trivela e elegeram o Gre-Nal como o "maior clássico do Brasil". Isto porque o Gre-Nal praticamente divide ao meio todo o Estado do Rio Grande do Sul.

<sup>19</sup> Antigo campo onde o Flamengo de Caxias – atual SER Caxias – mandava seus jogos. No mesmo local foi construído, posteriormente, o Estádio Francisco Stédille, conhecido como Centenário.

um clássico. Gostoso de jogar. E eu, Graças a Deus, tive a felicidade de ganhar quase todos eles, viu [risos]. Tive a sorte de ter ganhado lá.

C.N. – Eu gostaria de perguntar sobre a preparação física da época quando tu começaste a jogar futebol, até comparar aquela época com a de hoje.

G.F. – É bem diferente. O que eu sempre comento com meus amigos é que naquela época se jogava. Era jogo mais jogado. Era mais clássico. O jogo era mais pensado. Se pensava muito para fazer uma jogada. Antevíamos a jogada antes de chegar a bola no nosso pé. Tanto no meu pé, quanto no pé de outros jogadores que jogavam. Todos eram ótimos jogadores. Quando a bola chegava no nosso pé, já sabíamos o que íamos fazer. E ainda sabíamos que tinha dois, três colegas nossos já desmarcados para receber a bola. Então, se pensava mais para jogar. Hoje, o jogo está completamente diferente. É mais preparo físico. E só gostaria de salientar agora, foi bom vocês falarem em preparo físico: na época do Grêmio - acho que vocês não se lembram do Osvaldo Rolla<sup>20</sup>, que empilhou aquela série de conquistas no Grêmio -.

A.C. – O Foguinho?

G.F. – Osvaldo Rolla. O Foguinho. Que fez aquele time do Grêmio que empilhou títulos no Grêmio aí. Por que ele empilhou títulos no Grêmio? Porque naquela época, nos anos 1950, 1958, 1959, essa época.

A.C. – Época do Gessy.

G.F. – Gessy<sup>21</sup>, Juarez<sup>22</sup>, Milton<sup>23</sup>, Vieira<sup>24</sup>. Era time. E era time mesmo. Então, nessa época o Osvaldo Rolla já implantava o preparo físico no time do Grêmio. E foi por isso

---

<sup>20</sup> Osvaldo Rolla (o Foguinho) – futebolista, treinador e árbitro do futebol brasileiro. Marcou época no Grêmio Football Portoalegrense, como jogador e treinador, onde permaneceu por 12 anos.

<sup>21</sup> Gessy Lima – jogador contratado pelo Grêmio em 1955 e que marcou época no clube. Entre seus feitos, consta o fato de ter marcado os quatro gols da vitória do Grêmio por 4x1 sobre o Boca Jrs, da Argentina, em plena Bombonera, em 1959.

<sup>22</sup> Juarez Teixeira – jogador do Grêmio, na década de 50, que participou das campanhas vitoriosas da equipe nesta época.

<sup>23</sup> Milton Kuelle - Ex-meiocampista do Grêmio na década de 50. Atualmente segue a carreira de dentista e é conselheiro do clube

que o time do Grêmio ganhou aquele monte de campeonatos. Porque ele ganhava? No primeiro tempo o jogo já estava ganho. Sob um sol de 40 graus e os caras estavam correndo como se estivessem jogando de madrugada, de manhã cedo. Nem sentiam calor. Então, ele já implantava esse preparo físico, mas ele era o único time que fazia isso aí. Tanto que o Grêmio era o campeoníssimo aqui. E, comparando com a de hoje, aqui. Hoje não. Naquela época, o único time que tinha esse preparo físico então era o Grêmio. Os outros preparavam, mas não como o Grêmio. Hoje em dia, se tu não tiver preparo físico, não tiver um condicionamento físico, tu não joga. Só técnica, hoje, não está resolvendo. Hoje tem que ter a técnica e a força. Se tu tiveres a técnica e não tiver a força, não joga. Então, se tu conseguir conciliar as duas, tu vai. Ronaldinho<sup>25</sup> foi. Foi esse pessoal todo para a Europa, para a Espanha, Itália. Conciliaram a força com a técnica. Tanto é que os estrangeiros quando vem buscar os jogadores, eles pegam o jogador para lá justamente porque eles estão aprendendo com o jogador brasileiro lá. Muita gente não se tocou nisso. Porque eles estão levando jogador para lá? Pagam milhões, mas em compensação eles estão aprendendo a técnica com o jogador brasileiro. E lá, o que o jogador brasileiro tem que fazer? Tem que entrar também no preparo físico deles. Se não tiver preparo, não vai jogar com eles. Então, é assim que é a coisa. Se conseguir conciliar as duas coisas como eu falei, a técnica e a força, vai jogar lá, vai ganhar dinheiro, vai ficar milionário como muitos já estão lá. E muitos poderão ir para lá ainda. Então, essa é uma diferença. Hoje a força prevalece mais no futebol do que a técnica. Sendo que temos jogadores bons tecnicamente aqui no nosso Brasil e temos um monte de jogadores também.

A.C. – Quando tu jogaste no Flamengo, já havia alguns anos de superioridade da dupla Gre-Nal. Como é que era visto esses confrontos com a dupla Gre-Nal já que a dupla, desde 1954, acho que era, vinha ganhando tudo?

G.F. – É. Realmente. Nós nos preparávamos no interior. Nós, do Flamengo de Caxias, que tu me perguntaste agora. No Flamengo de Caxias tínhamos uma equipe muito boa, conforme eu falei para vocês. Jogava com o Chiquinho<sup>26</sup>, o Francisco Neto, o Pastelão<sup>27</sup> (o

---

<sup>24</sup> Jogador do Grêmio nas décadas de 50 e 60. Nome não confirmado.

<sup>25</sup> Ronaldo de Assis Moreira – mundialmente conhecido como Ronaldinho “Gaúcho”. Defendeu as equipes do Grêmio, Paris Saint-Germain, Barcelona e Milan. Pela Seleção Brasileira, sagrou-se campeão mundial na copa de 2002.

<sup>26</sup> Francisco Neto (o Chiquinho) – ex-treinador do Flamengo (atual SER Caxias).

falecido Pastelão). Outros treinadores que agora me foge o nome. Galego<sup>28</sup> que não é muito lembrado, não era conhecido, mas era um dos treinadores nossos no Flamengo também. Mas sabíamos porque assistíamos muito o jogo do Grêmio. O Grêmio e o Inter jogando. Nos preparávamos durante a semana, tudo porque sabíamos que nós iríamos enfrentar o Grêmio ou o Inter e que o esforço tinha que ser dobrado. Íamos ter que jogar muito para ganhar deles. E sabíamos que era difícil. Nosso time era um dos melhores times do interior. Mas vínhamos aqui em Porto Alegre, no Beira-Rio<sup>29</sup> para jogar e o jogo era parêlho. Podíamos até perder o jogo, mas que o jogo era jogado, era jogado. Nós acreditávamos em nós e sabíamos o que nós podíamos fazer. E nós sabíamos porque já começava a viver o jogo na segunda-feira para jogar domingo. Na segunda-feira nós já estávamos sonhando com o time do Grêmio ou do Inter que nós íamos jogar. Então, nós nos preparávamos psicologicamente. Nos preparávamos para jogar esses jogos e por isso que nos dávamos sempre bem. Podia perder, mas... Tem uma ocasião aqui no campo do Grêmio que nós perdemos o jogo para o Grêmio. Um jogo de noite que nós estávamos ganhando. Por incrível que pareça, nós estávamos ganhando de 3 x 0 do Grêmio, no Olímpico<sup>30</sup> e aí nós terminamos perdendo o jogo ainda. Porque daí veio o peso da camisa. É o Grêmio jogando em casa. O pessoal do Grêmio começou a se superar e a torcida começou a empurrar o time. Aí nós terminamos perdendo o jogo. Não me lembro se foi 5x3, mas nós estávamos ganhando o jogo de 3x0. Tranquilo. É isso que eu digo: nosso time se preparava para jogar com a dupla Gre-Nal. Perdia, mas o jogo era jogado.

C.N. – Tu falaste que vocês se preparavam durante uma semana. Eu sei que tu comentaste da concentração ali. Quanto tempo de concentração vocês tinham lá?

G.F. – Conforme a importância do jogo, nos concentrávamos na quinta-feira para jogar no domingo contra o Grêmio ou contra o Inter. Estou falando do Flamengo de Caxias. Ou seja, o jogo era domingo e nós nos concentrávamos na quinta-feira, os casados na sexta. Então, era isso aí. Nos outros jogos, contra os times do interior, conforme a importância,

---

<sup>27</sup> Apelido do ex-treinador João Batista Grossi que no comando do Flamengo de Caxias chegou a ser considerado o melhor treinador do Rio Grande do Sul em uma temporada.

<sup>28</sup> Ex-jogador do Flamengo de Caxias que, mais tarde, veio a ser treinador da equipe.

<sup>29</sup> Nome pelo qual é popularmente conhecido o Estádio José Pinheiro Borda, do Sport Club Internacional. Foi indicado para sediar jogos da Copa do Mundo de 2014, em Porto Alegre.

<sup>30</sup> Estádio Olímpico Monumental - atual estádio do Grêmio Football Portoalegrense.

porque, às vezes, tínhamos que decidir o título do interior contra os outros times do interior [risos]. O jogo era contra o Juventude, era contra o Gaúcho<sup>31</sup> de Passo Fundo...

A.C. – E nem por isso era mais fácil...

G.F. – Era mais difícil ainda que contra o Grêmio ou contra o Inter. E então nos concentrávamos sempre na sexta-feira. Era aquela coisa de como se fosse um mal necessário. Precisava se concentrar para convivermos, conversarmos, falarmos sobre o jogo. Aquela convivência. Se preparando também para o jogo. É enjoado ficarmos tanto tempo na concentração. Mas, enfim, saíamos satisfeitos de cada jogo que terminava.

A.C. – Tu lembras de algum jogo marcante pelo Flamengo?

G.F. – Eu me lembro do clássico em Caxias. Um Fla-Ju, Flamengo x Juventude, um clássico. Foi lá na Baixada. A cidade estava em guerra, só se falava no clássico.

A.C. – A cidade se divide lá?

G.F. - Se divide. É que o pessoal do Juventude estava com um baita de um time. Não tinham perdido para ninguém ainda e o Flamengo também não. Então, a rivalidade aumentou nisso aí e o jogo era lá na Baixada. Só se falava no clássico.

A.C. – A Baixada é...

G.F. – A Baixada Rubra, que é como chama. A Baixada Rubra, lá no Centenário.

A.C. – É o Centenário hoje?

---

<sup>31</sup> Sport Club Gaúcho – clube de futebol da cidade de Passo Fundo (RS). Na época era conhecido como o time dos temíveis ‘Irmãos Pontes’ (João, Daison e Bibiano), que se destacavam pela virilidade com que marcavam seus adversários. Segundo comentários da época, nenhum time deveria ser considerado verdadeiro campeão sem que passasse por Passo Fundo para enfrentar o Gaúcho. O jornalista Milton Neves, até hoje, se refere a Daison como “o beque mais macho de todos os tempos”.

G.F. – Hoje é o Centenário. Mas antes se chamava Baixada Rubra, que era o campo do Flamengo. Por isso que eu estou falando na Baixada. Mas hoje é o Centenário. Foi o clássico que nós ganhamos do Juventude e eu tive a sorte, a felicidade - eu não sou muito de comentar, mas eu estou dando a real, na verdade, para vocês, - foi batido um escanteio contra o Juventude e eu consegui pegar a bola a meia altura, de voleio, de primeira, como se diz hoje. É a lembrança que eu tenho. Então, foi uma das alegrias que eu tive em Caxias. Você me desculpe a modéstia. Eu não gosto de estar falando muito, mas eu tive a sorte de ter feito esse gol aí. Esse foi um dos clássicos e o outro foi o do jogo do Grêmio. Flamengo x Grêmio. Numa semana em que antecedia a compra do Grêmio. O Grêmio estava comprando o meu passe junto ao Flamengo. Naquela semana eu estava me transferindo para o Grêmio, mas antes de eu me transferir para o Grêmio eu tinha um jogo contra o Grêmio, em Caxias. Era um jogo importante, tanto para nós quanto para o Grêmio, que precisava ganhar. E nós precisávamos ganhar para sustentar o nosso título do Interior. E eu então vivi esse clima. A semana do jogo do Grêmio, o Grêmio já tinha me contratado.

A.C. – Já estava na imprensa que tu estavas vendido?

G.F. – Já estava na imprensa que já estava acertado tudo para eu vir para o Grêmio, só que eu tinha que jogar o último jogo pelo Flamengo e justamente contra o Grêmio. E aí foi quando eu passei essa semana, me preparei psicologicamente, me preparei bem, sabendo o que é que poderia acontecer, o que é que não podia acontecer. Então, das duas, uma, eu digo: “Poxa! Se nós ganharmos o jogo do Grêmio, de repente pode ser que eu nem vá mais”. Mas eu tinha que pensar no nosso grupo. Éramos profissionais. Então, eu vou pensar no nosso Flamengo. Graças a Deus eu tenho uma gratidão por aquela gente lá de Caxias. As pessoas que vão a Caxias sempre falam para mim que o pessoal gosta muito de mim lá em Caxias que eu tive um tempo muito bom no Flamengo. Tanto é que agora no Flamengo até combinaram uma série de eventos para me fazer homenagem lá em Caxias. E eu não tenho tido a oportunidade de ir a Caxias. Então, o próprio Flamengo<sup>32</sup> quer fazer isso para mim. E eu não tive a oportunidade de ir lá. Esse carinho que eu tenho pelo Flamengo, essa vontade que eu tinha de jogar pelo Flamengo prevaleceu mais porque nós precisávamos ganhar esse jogo e, para nossa sorte, de Caxias, do Flamengo, nós

---

<sup>32</sup> SER Caxias atualmente

conseguimos ganhar o jogo do Grêmio. Ganhamos lá. E aí foi meu último jogo pelo Flamengo. Aí depois eu vim para o Grêmio.

A.C. – Foi o jogo que tirou o Grêmio da disputa do título?

G.F. – Isso. O Grêmio acabou perdendo o título através desse jogo aí. Porque, se o Grêmio tivesse ganhado esse jogo, estaria no páreo para disputar o título com o Inter. Senão me foge a memória, é isso aí que eu estou falando para vocês. Então, foi esse o último jogo pelo Flamengo.

A.C. – E como é que foi a recepção no Grêmio após esse jogo, após eles terem perdido para vocês?

G.F. - Foi ótima, porque aí eles viram que o problema era profissional. Nós tínhamos que defender o nosso lado e eu acho que o Grêmio já sabia de antemão que isso ia acontecer: eu não ia chegar no jogo e só porque eu ia ser contratado pelo Grêmio que eu ia arrumar uma lesão, que eu ia arrumar uma coisa para não jogar contra o Grêmio. Muito pelo contrário...

A.C. – Nem tampouco ia aliviar...

G.F. - Exatamente. Eu me preparei mais ainda para jogar esse jogo porque ia ser o meu último pelo Flamengo. Então, quando eu cheguei em Porto Alegre, fui muito bem recebido pela direção. Cheguei e me apresentei. O jogo foi num domingo e na segunda-feira eu me apresentei no Grêmio. Já estava o pessoal da imprensa aguardando a minha chegada em Porto Alegre porque quarta-feira já tinha jogo no Rio<sup>33</sup> contra o Fluminense<sup>34</sup>. A minha estreia foi lá contra o Fluminense. Cheguei na segunda e na quarta-feira já fiz minha estreia no Grêmio.

A.C. – E como é que foi essa estreia?

---

<sup>33</sup> Rio de Janeiro

<sup>34</sup> Fluminense Futebol Clube - Clube de futebol da cidade do Rio de Janeiro.

G.F. - Foi um jogoço. Nós fizemos um jogo muito bom graças a Deus. Eu consegui, tive a felicidade de jogar o que eu estava jogando no Flamengo em Caxias. Eu jogava solto, jogava livre, tranquilo, a minha maneira de jogar sempre foi tranquila. Eu sou daqueles que tomava o gol, pegava a bola lá na goleira, botava embaixo do braço trazia para o meio do campo para começar de novo. Tomava o gol, ia pegar a bola e vamos lá e vamos ganhar o jogo. Assim, nessa tranquilidade. Então, esse jogo contra o Fluminense foi um jogo muito bom. Fluminense do tempo do Cafuringa<sup>35</sup>, ponta direita Cafuringa, Lula<sup>36</sup> aquele que veio para o Inter, Marco Antonio<sup>37</sup>, esse da seleção da Copa de 1970, que era da época do Everaldo<sup>38</sup>. Então, o Fluminense tinha um time muito bom. Nós estávamos em um jogo parelho contra o Fluminense lá. Terminamos perdendo no segundo tempo, no fim do jogo. Perdemos por 2x1, mas estava 1x1 o jogo. Foi um jogoço que nós jogamos lá. Graças a Deus eu me sai bem já na estréia.

A.C. - E os times daqui, o Inter e o Grêmio, já eram respeitados lá no centro do país na época?

G.F. - Não sei o que se passava na cabeça deles, se eles achavam que jogavam só contra o Grêmio, contra o Inter. Eles achavam que também não era tão difícil. A coisa se tornava difícil é na hora do jogo. Na hora do jogo íamos lá para dentro do campo e eu dizia: “Pessoal, nós estamos todos iguais. É 11 contra 11 e vamos lá”. É onde talvez aparecia a surpresa que eles nunca esperavam tanto é que depois o tempo foi passando já não tinha mais esse problema porque quando iam o Grêmio e o Inter jogar lá, o Grêmio ganhava, o Inter ganhava. Ganhavam de todos eles lá também.

A.C. - Eles estavam tão acostumados com Rio/São Paulo<sup>39</sup> lá, que por muito tempo foi considerado o Campeonato Brasileiro.

---

<sup>35</sup> Apelido de Moacir Fernandes, ex-ponta-direita do Fluminense. Foi em sua homenagem que o jogador Cafu, campeão do mundo em 1994 e 2002, ganhou esse apelido.

<sup>36</sup> Luiz Roberto Pinto Neto – ex-ponta-esquerda do Fluminense, de 1966 a 1973. mais tarde se transferiu para o Internacional, onde sagrou-se bicampeão brasileiro em 1975 e 1976.

<sup>37</sup> Marco Antônio Feliciano – ex-lateral-esquerdo do Fluminense, Portuguesa Santista, Bangu, Vasco da Gama e Botafogo. Foi campeão mundial na Copa de 1970. Era reserva de Everaldo.

<sup>38</sup> Everaldo Marques da Silva – lateral esquerdo do Grêmio e da seleção na copa de 1970. Em 1972, foi suspenso por um ano do futebol ao esmurrar o árbitro José Faville Netto. Morreu em 1974 em acidente na BR-290 (RS).

<sup>39</sup> Torneio Rio/São Paulo

G.F. - Exato. Tanto é que naquela época existia o torneio Rio-São Paulo e depois teve o Robertão<sup>40</sup>, depois começaram entrar os times de Minas Gerais também: Cruzeiro, Atlético, América<sup>41</sup> lá de Minas. Foi quando eles resolveram os campeonatos nacionais. Aí começaram a valorizar mais. Começou a vir mais a era do Inter de Falcão<sup>42</sup>, Carpegiani<sup>43</sup>, Figueroa<sup>44</sup>. O Grêmio naquele tempo com o nosso time também tinha - não me lembro, não recordo - o Yura<sup>45</sup>. Aí a coisa já começou a mudar muito. A época do gol do título do Grêmio lá no Morumbi<sup>46</sup>. Te lembra? É. Aí nesta época já começaram a olhar de maneira diferente.

C.N. – Vou aproveitar essa tua passagem pelo Grêmio só para saber se houve algum Gre-Nal que ficou marcado na tua vida?

G.F. - Todo o Gre-Nal era importante. Era coisa assim que Grêmio nem sonha em perder para o Inter; o Inter não sonha em perder para o Grêmio. Tem essa rivalidade. Há muitos anos é isso aí. Sempre foi assim. A situação é muito boa nos Gre-Nais. Nos Gre-Nais que nós ganhamos, nos Gre-Nais do Beira Rio, teve jogos que perdemos também, mas eu tive sorte de ter ganhado uns dois ou três Gre-Nais. Nós conseguimos ganhar aqui no Beira Rio, como também teve outros Gre-Nais que perdemos. Mas tivemos muitos jogos. Eu não me lembro de ter acontecido alguma coisa assim diferente. Os campeonatos eram todos iguais. Para mim foi tudo igual.

A.C. - E títulos que ganhou como profissional nos clubes?

---

<sup>40</sup> Torneio Roberto Gomes Pedrosa – foi uma competição nacional de futebol disputada entre 1967 e 1970, antes da criação do Campeonato Brasileiro. Em 1967, este campeonato foi organizado pelas federações carioca e paulista de futebol, e a partir de 1968 pela CBD (Confederação Brasileira de Desporto, precursora da atual CBF). O nome foi uma homenagem ao goleiro Pedrosa, do São Paulo e da Seleção Brasileira (copa de 1934), que morreu em 1954, como presidente da Federação Paulista de Futebol. Em sua segunda edição (1968) este torneio passou a ser conhecido também como Taça de Prata.

<sup>41</sup> Cruzeiro, Atlético e América são clubes de futebol da cidade de Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais.

<sup>42</sup> Paulo Roberto Falcão – jogador do Internacional na década de 70.

<sup>43</sup> Paulo César Carpegiani - jogador do Internacional na década de 70.

<sup>44</sup> Elias Figueroa - jogador do Internacional na década de 70. Capitão da equipe e autor do gol que deu o primeiro título nacional ao clube.

<sup>45</sup> Apelido do ex-ponta-esquerda gremista Júlio Titow, jogador da década de 70.

<sup>46</sup> Nome pelo qual é popularmente conhecido o Estádio Cícero Pompeu de Toledo, de propriedade do São Paulo Futebol Clube. Foi nesse estádio que o jogador Baltazar marcou o gol que deu o primeiro título de Campeão Brasileiro, em 1981, em jogo contra o São Paulo Futebol Clube.

G.F. - Aí é uma coisa interessante. Por incrível que pareça, não consegui ganhar título nem pelo Grêmio nem pelo Inter. Porque na época quando eu estava no Inter, o Grêmio estava com um time - João Severiano<sup>47</sup>, Airton<sup>48</sup>, Ortunho<sup>49</sup> - aquele baita time, e o Inter tinha um time bom, mas não tinha time para suplantar o Grêmio. O Grêmio tinha aquele preparo físico, aquelas coisas que te falei. Então, o Grêmio estava com um baita de um time. Eu tive sorte. Quando mudou a história, quando eu vim para o Grêmio, nós formamos um time bom, no tempo de Otto Glória<sup>50</sup>. Só que o Otto Glória estava preparando um time para o outro ano. Ele assumiu nesse ano, setenta, no Grêmio, mas ele estava preparando o time para ganhar título no outro ano. Mas em Grêmio e Internacional, se tu não ganhar título, já troca de treinador, já muda tudo. É assim. A rivalidade é grande. Então, quando eu joguei no Grêmio, olha o azar que eu dei: eu peguei o Inter com essa turma que eu te falei: o Figueroa, o Falcão, o Escurinho<sup>51</sup>, Claudiomiro<sup>52</sup>, Flavio minuano<sup>53</sup>. Era um baita de um time o Inter. Então, eu dei azar. Troquei pelo Grêmio, joguei pelo Inter, peguei o time do Grêmio bom. Eu vou para o Grêmio, agora vou ganhar um título. Agora eu pego outro time mais preparado que o nosso, eu digo. Então, não consegui ganhar um título.

A.C. - E o Flamengo<sup>54</sup> lá que veio te buscar aqui para jogar o Rio/São Paulo. Chegaste a ganhar pelo time lá?

G.F. - Não, o torneio Rio/São Paulo foi lá e esse ano, quando terminou o torneio, eu não me lembro quem é que ganhou, mas não foi o Flamengo. Teve a continuidade do torneio Rio/São Paulo e eu não cheguei a ficar até o final do torneio, porque, justamente, o Corinthians esteve em Porto Alegre e me comprou o passe. Então, não cheguei a terminar meu período de

---

<sup>47</sup> João Carlos da Silva Severiano – um dos maiores meias-atacantes da história do Grêmio

<sup>48</sup> Airton Ferreira da Silva (o Airton Pavilhão) – zagueiro-central da equipe do Grêmio nas décadas de 50 e 60. Teve esse apelido devido ao fato de o seu passe junto ao Força e Luz (antigo time de Porto Alegre) ter sido trocado por um pavilhão com o Grêmio.

<sup>49</sup> Apelido de João Carneiro – ex-lateral do Vasco da Gama/RJ (década de 50) e do Grêmio (década de 60)

<sup>50</sup> Otto Martins Glória – treinador de futebol. Treinou, entre outros, o Vasco e o Botafogo, do Rio de Janeiro, a Portuguesa de Desportos/SP, o Grêmio e a Seleção de Portugal, que foi terceira colocada na Copa de 1966. Treinou diversos clubes da Europa também.

<sup>51</sup> Apelido de Luiz Carlos Machado, jogador do Internacional na década de 70. Era considerado um exímio cabeceador.

<sup>52</sup> Claudiomiro Estrais Ferreira – jogador do Internacional nas décadas de 60 e 70. Foi o autor do primeiro gol da história do Estádio Beira-rio.

<sup>53</sup> Flávio Almeida da Fonseca – conhecido com Flávio Minuano ou Flávio Bicudo. Era jogador do Internacional na década de 70. Jogou pelo Corinthians também.

empréstimo lá no flamengo. Eu tinha sido emprestado no flamengo. E aí nesse ano não me lembro quem é que foi. Não sei se foi o Santos<sup>55</sup>, mas eu cheguei a jogar um jogo no Flamengo, no Pacaembu<sup>56</sup>, contra o Santos. Só que não cheguei a ficar até o fim do torneio lá. Disputei Gre-Nal. Inclusive, a minha estreia foi em 1963, quando eu subi para o profissional lá pelo Inter, lá nos eucaliptos ainda. Recém tinha subido do juvenil. Nós tivemos a sorte de termos ganho esse Gre-Nal, e o Grêmio era o time que eu falei para vocês: o Airton, Altemir<sup>57</sup>, Áureo<sup>58</sup>, Ortunho, Cleo, Sergio Lopes<sup>59</sup>. Timão. Foi um Gre-Nal comemoração à Páscoa, não era de campeonato. Mas Gre-Nal sempre foi Gre-Nal. Eles não querem saber se vale ponto ou se não vale. Querem ganhar o jogo. Então, esse jogo foi nos Eucaliptos. Estava lotado o estádio. E eu tive a sorte de ter ganhado esse Gre-Nal. Inclusive, o Flávio fez o segundo gol nosso. Ganhamos por 2 a 1, parece.

A.C. – Então, na época do hepta gremista tu estavas no interior, estavas no Flamengo?

G.F. – Isso! Quando o Grêmio estava ganhando esses títulos eu estava em Caxias também no Flamengo.

A.C. - E aí tu vieste para o...

G.F. – Exatamente. Depois começou o Inter. Começou a mudar a história. O Inter foi campeão depois.

A.C. - Chegaste a jogar o Gre-Nal de inauguração<sup>60</sup> do Beira-rio?

---

<sup>54</sup> Clube de Regatas Flamengo, do Rio de Janeiro

<sup>55</sup> Santos Futebol Clube

<sup>56</sup> Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho, na cidade de São Paulo

<sup>57</sup> Altemir Marques da Cruz – jogador do Grêmio na década de 70

<sup>58</sup> Áureo Agostinho Arruda Maliverni – jogador do Grêmio na década de 70. Também vestiu as cores do Flamengo de Caxias

<sup>59</sup> Sérgio Gonçalves Lopes (o “fita métrica”) – jogador do Grêmio na década de 70

<sup>60</sup> O Festival de Inauguração contou com a realização de diversos jogos do Inter contra outras equipes e também um jogo da Seleção Brasileira contra a Seleção do Peru.. O primeiro jogo da história do novo Estádio foi a vitória de 2x1 do Inter sobre o Benfica de Portugal. Claudiomiro, marcou o primeiro gol da história do Beira-rio, o segundo gol foi marcado por Eusébio, craque da Copa de 1966, empatando o jogo e, o terceiro foi de Gilson Porto, decretando a vitória colorada. O primeiro clássico Gre-Nal da história do estádio também fazia parte das festividades. Porém, ainda com o placar em branco, houve uma briga generalizada onde quase todos os jogadores foram expulsos.

G.F. - Não. A inauguração do Beira-rio, não. Até houve a época daquela briga no Gre-Nal lá do Beira-rio. Eu não estava. Eu estava em Caxias...

A.C. – O [Gre-Nal] que todo mundo foi expulso?

G.F. – Foi. Só teve, se não me engano, ainda falei há pouco tempo...

A.C. - O Dorinho<sup>61</sup>

G.F. – O Dorinho e o Alberto (goleiro). Inclusive, o Alberto, que eu falei há pouco tempo, estava lembrando isso aí. Se não me engano, foram os dois caras que não foram expulsos. Se o João Severiano estava nesse jogo, o João também não foi, porque o João não era de briga. O João Severiano também não era de briga nenhuma. Os outros, todos. Eu assisti. Os caras estavam brigando um em cada canto. Dois agarrados num canto, dois agarrados no outro. Tinha um jogador do Grêmio rolando na grama lá. Teve esse Gre-Nal e eu assisti. Graças a Deus que eu não estava nessa aí. Acho que eu também tinha apanhado [risos], porque eu não sou de briga [risos], mas graças a Deus que eu não estava lá nesse Gre-Nal.

A.C. – Como é que foi a tua estreia no Beira-rio contra o Inter?

G.F. – Teve um jogo que nós ganhamos num Gre-Nal 2x0 no Beira Rio e casualmente - eu nem sabia, viu. Vou falar francamente para vocês. Foi o que me falaram - eu teria feito o primeiro gol do Grêmio depois da inauguração do Beira Rio. Agora, em jogos oficiais, teve outro jogador do Grêmio, o Loivo<sup>62</sup>, parece, que a estatística aí... Mas o primeiro gol do Beira Rio foi na inauguração, chegou a meus ouvidos isso. Não tinha, eu acho, que 1 minuto de jogo do Gre-Nal. A torcida estava chegando no estádio do Beira-rio ainda. Quando os torcedores botaram o pé dentro do Beira-rio...

A.C. – Isso aí foi após o torneio de inauguração?

---

<sup>61</sup> Oldorelino Nunes Leal (o Dorinho) – ex-meio-campista canhoto do Inter nas décadas de 60 e 70. Atualmente ainda é funcionário do clube.

<sup>62</sup> Loivo Ivan Johann (o Loivo “coração-de-leão) – ex-ponta-esquerda do Grêmio nas décadas de 70 e 80.

G.F. - Após o torneio de inauguração. Já tinha sido inaugurado o Beira-rio. Então, nós ganhamos esse Gre-Nal no início do jogo. Tive a sorte também de fazer esse gol no início do Gre-Nal.

A.C. - Podes me listar alguns treinadores que influenciaram a tua carreira?

G.F. – Teve muitos treinadores que passaram, conforme eu falei no início aqui, Francisco Neto, o Chiquinho, foi um baita de um treinador. Treinador, conhecedor de futebol. Treinou diversos times aqui do Brasil. Teve o falecido já Romeu Rodrigues da Cruz. Era árbitro aqui. Não era do tempo de vocês, mas o Romeu Rodrigues da Cruz também passou pelo Flamengo lá. Também era um que sabia de futebol. O João Batista Grossi, o Pastelão, também foi, o Carlos Froner<sup>63</sup> que também foi um baita de um treinador. O Otto Glória dispensa comentário. Foi treinador da seleção de Portugal, treinou diversos times na Europa. Então, o Otto glória, Carlos Froner, conforme eu falei aqui. Daltro Menezes<sup>64</sup> também. Então, os que eu estou me lembrando aqui no momento são esses aí. Isso, dos profissionais. Fora aqueles que eu tive no início da minha carreira, dos que eu tive nos *infanto* do Inter lá, o Clóvis Dias<sup>65</sup>, conhecido de vocês. Mas o Clovis foi um dos que me levou lá para o Inter.

C.N. - Hoje em dia qualquer jogador da dupla Gre-Nal, mesmo médio, ganha um salário altíssimo. No seu tempo não era assim, não é?

G.F. – Não. Até porque no nosso tempo nós não tínhamos direito de imagem. Hoje o jogador faz um contrato com direito de imagem, essas coisas todas. Então, já é uma espécie de uma luva<sup>66</sup>, aquela luvinha do contrato. Então, conforme a campanha que se fizesse, o *cara* pedia uma luva e tanto por mês. Depois o tempo foi passando, a coisa mudou. Aí já entrou empresário. Antes era o jogador que ia direto falar com a direção, tratar do contrato. Agora é

---

<sup>63</sup> Carlos Benevenuto Froner – começou a orientar times de futebol durante sua carreira militar. Ao deixar o Exército, estreou treinando o Grêmio Esportivo Leopoldense, de São Leopoldo, em 1947. Após, treinou diversas equipes do futebol. Em 1966, treinou a Seleção Gaúcha que representou o Brasil na Taça Bernardo O’Higgins e, em 1975 foi o treinador da Seleção do Resto do Mundo durante um amistoso. Até hoje é citado como referência por Luiz Felipe Scolari.

<sup>64</sup> Técnico de futebol responsável pelo início da campanha vitoriosa do Octacampeonato do Inter nas décadas de 60 e 70. Foi Campeão Gaúcho de 1969 a 1971.

<sup>65</sup> Nome não confirmado.

<sup>66</sup> Luvas: soma paga (às vezes de forma oculta) como retribuição pela preferência na realização de um negócio.

o empresário. Tem o advogado, tem o empresário, tem o procurador que hoje vai tratar. O jogador está treinando, jogando e o procurador, o advogado, está lá falando com a direção, tratando do contrato. Então, o jogador já nem se preocupa. Financeiramente hoje, não dá nem para comparar. Completamente diferente. Mudou muito o futebol. Até nisso aí mudou muito.

A.C. – Como é que era teu relacionamento com a com a torcida ali no Grêmio pelo fato de tu ter começado a carreira no Inter?

G.F. – Foi muito bom. Mas tu sabes que entre a dupla Gre-Nal sempre existe aqueles que aceitam e aqueles que não aceitam. Tanto é que se vai um treinador treinar o Inter que já foi jogador do Grêmio, vocês podem ver, tem que ganhar todas. Se não ganhar todas, se não tiver um bom: “Ah, é gremista”. Até nisso tem a rivalidade. Então, como jogador, não tinha essa coisa aí, mas, só que dentro do campo, procurávamos pensar diferente. Produzir dentro do campo. Então, graças a Deus não tive esse problema nenhum aqui no Grêmio. Depois o Volmir<sup>67</sup>, ponta-esquerda do Grêmio, jogou no Inter. Aí foi quando começou a existir aquela coisa. O Alcindo<sup>68</sup> estava no Inter e foi para o Grêmio. O Sérgio Lopes era do Inter foi para o Grêmio. Só que essas transferências, se dentro do campo o cara fizer a diferença, não tinha problema nenhum. Graças a Deus não tive problema nenhum

A.C. – E dificuldades que tu encontraste ao longo da carreira?

G.F. – Não, porque eu sempre estive junto da família. Sempre fui muito preocupado com a minha família. Eu não cheguei a ficar muito tempo longe. É aquela coisa que eu falei para vocês: na época, não tínhamos alguém para falar por nós, para tratar um contrato, fazer um acerto de contrato, essas coisas todas. Hoje, o jogador não se preocupa. O Ronaldinho estava aqui no Grêmio. Ele não se preocupava com nada. Ia jogar a bola dele. Perguntavam alguma coisa para ele: “É com meu irmão e com meu empresário. Tudo com ele. O meu negócio é só jogar”. Perguntava para ele, dizia isso: “O meu negócio é só jogar futebol. É com meu irmão, meu empresário. É ele que vai...”. Então, é isso aí. Eles deixavam o jogador tranquilo para jogar o futebol dele. Esse negócio de contrato antes, é o que eu falei, era diretamente conosco. Só teve um jogador aqui que sempre se deu bem graças a Deus, meu amigo. Essa amizade que

---

<sup>67</sup> Volmir “Massaroca” – ex-ponta-esquerda do Grêmio. Jogou no Inter, no final da carreira.

há muito tempo eu tenho com ele, que é o Airton Ferreira. Vocês conheceram, já ouviram falar. Dispensa comentário também. O Airtão no Grêmio. Ele era esperto. Tinha a família junto com ele naquela época também. Só ele ia resolver o contrato com o patrono do Grêmio. Então, nem discutia. Se ia falar com presidente, o presidente não resolvia. Aí, quando via, entrava o patrono no meio: “O que está havendo com o fulano? *Tá, tá, tá.* Deixa comigo”. E assinava o contrato.

C.N. - Patrono na época do Kroeff?

G.F. - Na época do Kroeff. Ele é o padrinho. Escolheu mal o padrinho [risos].

A.C. - E sobre lesões? Tiveste alguma?

G.F. – Só uma lesão na época de 1964 no Inter. Foi por isso que, quando eu saí do Inter, me cederam lá para o Flamengo, depois para São Paulo<sup>69</sup>. E eu acho que foi no ano de 1964. Nós estávamos disputando o campeonato gaúcho. Mais uma vez eu vou ter que falar para vocês [risos] porque foi realmente o que aconteceu. Eu estava bem no Campeonato Gaúcho, estava bem na tabela de goleadores do Campeonato Gaúcho. Estava numa fase muito boa. Foi nessa época que eu te falei anteriormente. Eu estava numa fase boa, tanto é que a própria Gazeta de São Paulo tentou fazer a matéria comigo naquela Copa de 1966 dessa fase que eu estava, eu era meu campo, o 10. Mas aí estava de goleador do campeonato, terminou a segunda partida do segundo turno e aconteceu uma lesão numa entrada forte que eu levei no joelho. Eu terminei ficando o resto do ano sem jogar. Foi essa lesão que eu tive. Mas, depois dessa, me recuperei.

A.C. – Como é que se deu o encerramento da carreira?

G.F. – A minha carreira terminou com um pouquinho de falta de estrutura. A estrutura que não tivemos. Aí a pessoa começa a fazer alguma coisa pela própria cabeça que, de repente, não era o certo. Por exemplo, eu poderia ter jogado mais tempo. Eu parei com 29 anos. Podia ter continuado a jogar, mas terminei me desiludindo com o futebol. Tive uma desilusão muito

---

<sup>68</sup> Alcindo Martha de Freitas – ex-centroavante e maior artilheiro da história do Grêmio. Começou sua carreira no Inter.

grande. Tive o falecimento do meu pai, que eu era muito agarrado. Aí eu não tive aquela estrutura para continuar. Foi quando eu resolvi terminar minha carreira. Encerrei.

C.N. - O que de melhor o futebol te deu? Eu sei que dinheiro na época não foi. Foram as amizades ou...?

G.F. – Exatamente. É o seguinte: dinheiro é uma coisa muito importante na vida de uma pessoa, mas não é a felicidade. Tem gente que tem dinheiro, mas não é feliz. Tem gente que tem dinheiro e, de repente, não sabe usar o dinheiro. Tem dinheiro, mas uma infelicidade. Às vezes, a pessoa tem uma doença que, de repente, não tem cura, ou coisa parecida. Quero salientar aqui: Por isso que eu estou falando que negócio de dinheiro para mim não é a minha felicidade. A minha felicidade maior é ver toda a minha família bem, minha família toda com saúde. Hoje em dia o que eu mais tenho graças a Deus, por isso é que eu não esquento a cabeça com problema financeiro. Graças a Deus, eu sou um aposentado. Então, as minhas amizades, tanto as que eu tenho dentro do futebol como fora do futebol. Vocês sabem que aqui no Ramiro Souto temos jogos, fazemos a brincadeira, somos veteranos aqui. Então, aqui no Ramiro Souto, eu fiz amizades. Eu tenho amizade em Canoas, Caxias, interior. Tudo que é lugar que eu vou jogar, que o Grêmio vai jogar com os veteranos aí, eu tenho amizade. Então, isso daí sim, me trás uma felicidade, e essa amizade é que faz eu ser um homem feliz.

A.C. – Como é esse projeto que tu está tocando junto à comunidade?

G.F. – É um projeto muitíssimo importante, um projeto que quem teve a ideia foi o Bosco Vaz<sup>70</sup>, nosso vereador aqui. Ele teve essa ideia justamente porque nós temos o Clube Social<sup>71</sup>, que é onde tem vinte e poucos jogadores ex-profissionais trabalhando com crianças da periferia, crianças que estão na rua, que estão aí sem ter o que fazer. Então, trabalhamos com essas crianças, para tirá-las da rua. Foi uma ideia brilhante do Bosco e nós estamos desempenhando esse trabalho para ele. Para mim foi importante fazer esse trabalho, aceitar

---

<sup>69</sup> Cidade de São Paulo. O entrevistado na época foi cedido ao Corinthians.

<sup>70</sup> João Bosco Vaz – jornalista e cronista esportivo gaúcho. Atualmente é Secretário Municipal de Esporte e Lazer na cidade de Porto Alegre.

<sup>71</sup> Projeto Social Futebol Clube – projeto da Prefeitura Municipal de Porto Alegre em que ex-jogadores da dupla Gre-Nal ensinam futebol em praças, parques e centros comunitários a crianças de comunidades carentes da cidade.

esse trabalho do Bosco, que trata com criança. Por exemplo, eu trabalho aqui na Medianeira<sup>72</sup>, estamos eu e o Alberto, goleiro do Grêmio. Cada lugar tem 2 jogadores ex-profissionais trabalhando com criança. Então, eu tenho nesse projeto o Clube Social que é onde nós trabalhamos com crianças, temos resgatado muita criança que está na rua. É uma coisa muito brilhante esse trabalho que nós estamos fazendo.

A.C. – Considerações finais: tem mais alguma coisa que tu queira deixar registrado?

G.F. – Não. Olha, queria agradecer a vocês por esse trabalho que estão fazendo, por essa oportunidade que vocês estão me dando de falar um pouquinho de futebol, um pouquinho da minha vida no futebol. De repente, eu teria muito mais histórias para falar, mas o tempo é muito pouco. Poderia até conversar mais tempo com vocês, mas... Para mim é isso aí. Foi uma alegria, É a mesma alegria que se eu estivesse dando uma entrevista para a televisão ou para o rádio.

A.C. - Nós também estamos muito agradecidos. Obrigado. E deixamos aqui o convite para você visitar o Centro de Memória de Esporte na ESEF para conhecer o acervo do Garimpo Memórias. Obrigado!

C.N. - Está certo, muito obrigado!

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>72</sup> Centro Comunitário George Black – localizado no Bairro Medianeira, em Porto Alegre.